



GT 74. Religiões de matriz africana e seus modos de convivência: caboclos, orixás e outras entidades

Coordenador(es):

Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Tempos, Histórias e Registros

Debatedor/a: Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 2 - Vínculos e obrigações

Debatedor/a: Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 3 - Modos de Convivência

Debatedor/a: Luciana Duccini (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

A proposta deste Grupo de Trabalho é investigar os modos de se relacionar com e entre as entidades presentes nas diversas modalidades de religiões de matriz africana, tanto no Brasil quanto em outros países da diáspora africana. Assim, pretende dar ênfase não somente às análises das manifestações religiosas em si, mas aos estudos voltados para as formas como vínculos são aí construídos e mantidos. Tendo como questão chave o debate em torno das dimensões ético-políticas das formas de convivência cultivadas nessas religiões, o GT está aberto para trabalhos que tratem dos procedimentos e conceitos que participam dos processos de construção de vínculos, que discutam as diferentes temporalidades e espacialidades em jogo nesses processos e/ou explorem como os vínculos com as entidades são mobilizados e testados em situações de encontro com outras formas de prática.

Os terreiros de umbanda amazônica e seus modos de convivência com os encantados em São João de Pirabas, litoral amazônico.

Autoria: Hermes de Sousa Veras (Doutorando)

Para algumas pessoas em São João de Pirabas, cidade do nordeste paraense localizada no litoral amazônico, conviver com encantados requer cuidado e respeito. Para outros é possível ainda recebê-los em suas croas (coroa, região da cabeça por onde a irradiação e/ou incorporação se potencializa). Os encantados, via de regra, são seres que não passaram pela morte física e sim por um processo de transformação, o encantamento. A partir daí, eles se conectam com determinadas regiões (as encantarias) que podem existir na própria geografia a qual podemos acessar, a terrena, mas também apenas em outras regiões, como o fundo (de rios, mares, igarapés). Em São João de Pirabas, uma região reconhecidamente encantada é a área insular da Praia do Castelo, onde reside uma pedra escura que é lida como a pedra do Rei Sabá (Rei Sebastião), encantado que domina os espaços litorâneos que vão do Pará ao Maranhão. A sua influência na cidade é tanta que todo dia 20 de janeiro há uma festividade, quando recebe oferendas e outras homenagens. Além disso, a encantaria de Rei Sabá surge relacionada com outras três encantadas, Cabocla Mariana, Tóia Jarina e Cabocla Herondina, que na mitologia local são descritas como filhas encantadas de Rei Sebastião. Essa trama das entidades reverbera entre as pessoas que as recebem e convivem com elas. A partir de pesquisa de doutorado em conclusão, trarei um panorama dos terreiros de São João de Pirabas e exemplos de como eles se relacionam com os encantados, que acabam por se conectarem com outros tipos



de seres, tais como o povo da rua e malandros, caboclos, voduns e orixás. Essas conexões são cantadas em pontos e doutrinas, mas também narradas por esses seres. Junto a essas narrativas e elementos da teogonia encantada, trarei exemplos de como esses seres se relacionam e fazem com que as pessoas mobilizem redes de cuidado e respeito.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: